



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/abet/article/view/62621>

DOI: <https://doi.org/10.61999/abet.1676-4439.2023v22n2.62621>

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2023 by Associação Brasileira de Estudos do Trabalho. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

PARA PENSAR O FUTURO DO TRABALHO NOS CUIDADOS COM IRMÃ[O]S E COM A CASA COMUM

*TOWARDS THINKING ABOUT THE FUTURE OF WORK IN THE CARE
OF SISTERS AND BROTHERS AND OF THE COMMON HOME*

Paulo Sérgio Fracalanza¹

Rosana Icassatti Corazza²

Mariana Rêis Maria³

RESUMO

As crises que se abatem sobre a humanidade, como a ambiental, a social, a política, a sanitária, a migratória, estão todas interligadas. Diante delas, destacam-se as reflexões acerca dos desafios do trabalho na necessária reparação pós-covid-19, que nos motivam à escolha do objetivo deste texto. A revisão de contribuições de um conjunto bastante heterogêneo de autores permite aportar elementos para, de um lado, compreender a abrangência, a profundidade e a velocidade das crises que transmutam nosso mundo e, de outro, distinguir alguns caminhos para uma reconciliação com a vida, em seus nexos mais autênticos de reconexão ecológica com a teia da vida, reforçando laços de empatia e solidariedade com nossas irmãs e irmãos. Essa discussão é organizada em quatro seções: Tempos de Distopia; A Crise do Trabalho na Aceleração do Antropoceno; A Redução do Tempo de Trabalho no Caminho de Francisco e Clara; e, por fim, Concluamos com “realmar a Economia”: um convite de Francisco.

Palavras-chaves: Desigualdades na pandemia, desemprego, crise ambiental, Economia de Francisco e Clara

ABSTRACT

The environmental, social, political, health, and migratory crises that have hit humanity are interconnected. In the face of them, reflections on the challenges of labor in the necessary post-Covid reparation stand out, motivating us to choose this text’s objective. The review of contributions from a very heterogeneous set of authors allows us to provide elements, on the one hand, to understand the scope, depth, and speed of the crises that transmute our world and, on the other hand, to distinguish some paths for reconciliation with life, in its most authentic connections, of ecological reconnection with the web of life and of empathy and solidarity with our sisters and brothers. This discussion is organized in four sections: Times of Dystopia; The Crisis of Work in the Acceleration of the Anthropocene; Reducing Working Time in the Way of Francis and Clare; and Let us conclude with “re-animate the Economy”: an invitation from Francis.

Keywords: Inequalities in the pandemic, unemployment, environmental crisis, Economy of Francis and Clare

Códigos JEL

J01 Labor Economics: General

B55 Social Economics

Z00 General

¹ Professor do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

² Professora do Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas.

³ Doutora em Ciências Econômicas pelo Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas.

1. INTRODUÇÃO

“Aqui está um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida uma bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente [...]; precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! [...] Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos”. FRANCISCO, 2019.

Há uma espécie de luto nestes tempos em que vivemos. Por muito tempo, nos apegamos com tanta força a ilusões e esperanças longamente acalentadas, que agora, sob a força descomunal desses vendavais da mudança que ameaçam destruir a civilização humana e a teia da vida na Terra, tem sido com imensa dificuldade que alguns, queremos crer que muitos, começam a se dar conta da necessidade de nos desvencilharmos com coragem e confiança das miragens que nos alentavam. Não seria essa uma imagem apropriada para nosso momento presente?

Já não são poucos aqueles que nos ajudam, com diagnósticos informados por evidências cuidadosamente sistematizadas e analisadas, a constatar que as crises que se abatem sobre a humanidade, a crise ambiental, a crise social, a crise política, a crise sanitária, a crise migratória, estão todas interligadas. Diante de nós – para aqueles que estiverem dispostos a olhar e a ver – se desenham com clareza, os cenários de um planeta e de um mundo em veloz mutação. Cientes disso, não nos será possível ignorar a urgência de soluções. Impossível também não nos darmos conta da impotência de nossas respostas tímidas.

Deveria ser considerado um ato de lucidez mirar diretamente o esvaziamento dos horizontes das promessas do (neo)liberalismo, do socialismo real e do capitalismo. Não temos o direito de nos restringir aos horizontes que cultivam interesses de um mundo que precisa ser deixado para trás, ou que se deixam cultivar por esses interesses. Isso não apenas nos embotaria ou paralisaria o discernimento, mas também significaria hipotecar o futuro e as possibilidades de vidas que não nos pertencem. Pensar sobre as possibilidades aos nossos estudantes, filhos e netos requer ampliar esse horizonte apequenado por crenças antigas, por dogmas inquestionáveis, por tendências que alguns acreditam inevitáveis. Serão inevitáveis se acreditarmos nisso.

Precisamos, portanto, desatar-nos de nossa inação, nutrir ideias sobre o futuro, sobre o que é uma boa vida, sobre o que é felicidade, sobre o que é desejável para que nossos jovens continuem a ter o direito de sonhar. Sonhar é a maior ousadia dos jovens! Precisamos, mais do que nunca, de novas narrativas e do resgate de narrativas que não são novas, que se encontram obscurecidas, esquecidas, invisibilizadas ou inviabilizadas pela suposta legitimidade e pretensa inevitabilidade do presente. Precisamos desses horizontes abertos e ventilados que permitam que nos reconciliemos com nossos próximos, humanos e não humanos. Que nos reconciliemos com a vida.

Os cuidados que a vida exige demandam trabalho. Pensemos, por um momento, acerca do longo período de pandemia em que temos vivido, talvez melhor dizendo, em que temos sobrevivido. Sobrevivemos enquanto se ampliam as desigualdades que já eram de imensa indignidade. Sobre isso, Françoise Vergès aponta para aqueles que

“[...] levam os produtos aos comércios abertos porque são ‘essenciais’ ao funcionamento da sociedade, arrumam as mercadorias nas prateleiras, organizam os caixas; são os coletores e coletoras de lixo, as funcionárias e os funcionários dos correios, os entregadores, os motoristas de transporte público, as mulheres responsáveis pela limpeza de clínicas e hospitais, os motoristas de transportes rodoviários, as babás e tantas outras profissões”. (VERGÈS, 2020, p. 21)

Precisamos de Vergès para ver tudo isso? A realidade não nos assoma com a clareza do mais límpido cristal? Mas a cientista política criada na Ilha da Reunião traz ao primeiro plano desse quadro a estrutura laboral marcada pela estratificação por gênero, profundamente racializada.⁴ Não apenas na França ou na Europa, aqui nas terras brasileiras, em nossas cidades, são elas, as mulheres, especialmente as pretas, as pardas e as pobres, que no mundo todo se contam aos bilhões, que realizam serviços que se chamam de subqualificados e por isso mal remunerados. Frequentemente:

“[...] em uma situação de risco para a saúde, na maioria das vezes em tempo parcial, de madrugada ou à noite, quando escritórios, hospitais, universidades, centros comerciais, aeroportos e estações estão vazios, ou quando o(a)s hóspedes já deixaram os quartos”. (VERGÈS, p. 24).

Os cuidados com a casa comum têm sido negligenciados. Sabemos que, como espécie biológica, os *sapiens* coevoluíram, ao longo das últimas centenas de milhares de anos, com essa casa, ou seja, a *oikos*. Os *sapiens* vieram a *ser* em meio a um processo de sucessivas mutações climáticas que envolveram, no Pleistoceno, eras do gelo intercaladas por períodos de aquecimento da Terra. Mas nova evolução exossomática mais brilhante, na forma da organização de uma vida coletiva que traz em seu bojo a possibilidade de nos afastar de nosso destino adâmico, a civilização, esta prosperou somente dentro de um período que se abriu há cerca de 12 mil anos, o Holoceno. Esse período de clemência climática, uma espécie de Éden na Terra, ofereceu as condições para que a agricultura florescesse, que excedentes permitissem o livramento do fardo de um trabalho árduo e inevitável. Todavia, o excepcional de nossos tempos tem sido nossa incapacidade de cuidar dessa nossa casa. Pior que isso, nossa crescente capacidade de destruí-la.

Alinhando algumas reflexões sobre os desafios do trabalho em tempos de necessária reparação pós-covid-19, escolhemos como objetivo deste texto, a partir de uma revisão de contribuições e estudos de um conjunto bastante heterogêneo de autores, aportar elementos para, de um lado, compreender a abrangência, a profundidade e a velocidade das crises que transmutam nosso mundo e, de outro, distinguir alguns caminhos para uma reconciliação com a vida, em seus nexos mais autênticos, de reconexão ecológica com a teia da vida e de empatia e solidariedade com nossos irmãos.

Nesse sentido, a favor de nosso argumento e para apoiar nossas reflexões, temos contado com o tino e os esforços de uma miríade de observadores críticos das transformações no mundo, cujos labores nos permitem reconhecer, no que segue deste artigo, alguns elementos-chave no entendimento de quão mais amplos precisam e podem ser nossos horizontes. Agrupamos esses elementos nas quatro seções que seguem: Tempos de Distopia; A Crise do Trabalho na Aceleração do Antropoceno; A Redução do Tempo de Trabalho no Caminho de Francisco e Clara; e, por fim, Concluamos com “realmar a Economia”: um convite de Francisco.

2. TEMPOS DE DISTOPIAS

“Lanço um convite urgente a renovar o diálogo sobre a maneira como estamos a construir o futuro do planeta. Precisamos de um debate que nos una a todos, porque o desafio ambiental, que vivemos, e as suas raízes humanas dizem respeito e têm impacto sobre todos nós. O movimento ecológico mundial já percorreu um longo

⁴ No mesmo sentido, Federici (2019) também aponta para o quanto os labores extenuantes e precários das mulheres estão na base da acumulação em nosso mundo.

e rico caminho, tendo gerado numerosas agregações de cidadãos que ajudaram na consciencialização. Infelizmente, muitos esforços na busca de soluções concretas para a crise ambiental acabam, com frequência, frustrados não só pela recusa dos poderosos, mas também pelo desinteresse dos outros. As atitudes que dificultam os caminhos de solução, mesmo entre os crentes, vão da negação do problema à indiferença, à resignação acomodada ou à confiança cega nas soluções técnicas. Precisamos de nova solidariedade universal.” (FRANCISCO, *Laudato Si*, 2015).

As narrativas sobre o progresso incontestes, a embalar nossos sonhos, firmaram raízes no século XVIII entre os filósofos do Iluminismo escocês e francês. Ao longo do século XIX, encontraram terreno fértil nas vozes de variados pensadores: em Hegel e em Marx, com suas visões do desenvolvimento histórico ensejadas pelo conflito; em Comte, com sua crença no aprimoramento da moral e no desenvolvimento intelectual da humanidade; em Spencer, com sua quimera determinística de um progresso permanente no sentido de um aperfeiçoamento teleológico do mundo. Mas, no século XX, a despeito dos episódios sangrentos das Grandes Guerras, das crises econômicas e da ascensão dos regimes totalitários que lançaram dúvidas quanto ao destino radiante da civilização ocidental, parte expressiva da humanidade lançou-se a projetar, com o auxílio das novas ferramentas econômicas, um mundo no qual destinávamo-nos a um futuro radioso, mais livre, mais justo, mais longo e indubitavelmente muito mais rico.⁵

Quando, em 1930, Keynes publica seu célebre ensaio sobre as “Possibilidades Econômicas para Nossos Netos” assevera, no vórtice do *Crash* da Bolsa de Nova Iorque, que a tormenta que se atravessava decorria das dores do crescimento de um sistema que continuaria, se soubéssemos afastar alguns obstáculos de seu caminho, a crescer constantemente, de tal forma que, pela mágica dos juros compostos⁶, em mais cem anos a humanidade descortinaria pela primeira vez a solução de seu problema econômico: a penosa labuta para ganhar a vida com o suor do rosto.

Em 1974, quando a população mundial atingia a marca dos quatro bilhões de pessoas, em pleno movimento do Renascimento do Debate Ambiental, nosso grande economista Celso Furtado, reconhecido como um dos mais fecundos teóricos do desenvolvimento econômico brasileiro, salpica alguns grãos de areia na engrenagem de nossos pensamentos faustianos sobre as potencialidades do Brasil.⁷ Dizia Furtado, perfeitamente inteirado acerca do debate ambientalista com as contribuições decisivas de Georgescu-Roegen (1971) e de Donella Meadows e sua equipe (1972), que a ideia de um sistema em crescimento infinito contido num sistema finito era fisicamente impossível. Também admoestava que abandonássemos a crença de que, ao longo do tempo, naturalmente ocorreria uma convergência entre os padrões de desenvolvimento das nações, o que contrariava todas as evidências disponíveis. Finalmente, sugeria que o “*american way of life*” (estilo de vida americano), como padrão de consumo e ideal civilizatório, não apresentava quaisquer virtudes e não deveria servir como referência para nossos projetos de desenvolvimento do Brasil.

Todavia, tanto tempo passado, ainda negamos as evidências. Como humanidade, ainda não voltamos as costas ao horizonte envolto pelas promessas do crescimento e pelas expectativas de um consumo mais pródigo, com suas imagens publicitárias de felicidade histriônica. Afinal,

⁵ A crença num futuro radioso é problematizada e discutida em duas obras recentes: *Depois do Futuro* (BERARDI, 2009) e *Onde Aterrar?* (LATOURE, 2020).

⁶ Aqui, Keynes assume um tom irônico ao invocar a expectativa naturalizada do crescimento sem peias, da expansão ilimitada do capital e do crescimento da produtividade.

⁷ É mister dizer que suas reflexões são escritas num momento em que crescíamos a taxas históricas desde o Pós-Guerra de pouco mais de 7,5% ao ano e, com exceção do bloco socialista, éramos a nação que mais havia crescido no período.

como podemos superar a promessa de um mundo que, a despeito de seu evidente fracasso civilizatório, ainda nos seduz? Como podemos superá-la enquanto imagens de felicidade e do desejo que se formam em nossas mentes desde os anos mais tenros, como um *imprint*, se vinculam a símbolos de consumo e de *status* difundidos nas mídias? E nas redes sociais que, afinal, são gratuitas, pois “o produto é você”⁸. O carro, talvez agora híbrido ou elétrico; o *smartphone*, talvez agora abastecido com energia solar fotovoltaica; as viagens de avião, cujas emissões de gases de efeito estufa talvez sejam “compensadas” com a compra de créditos de carbono; as viagens a *resorts* em locais paradisíacos, talvez agora guarnecidos com sistemas próprios de tratamentos de resíduos; as joias de ouro, talvez agora certificadas com um selo de sustentabilidade; a *fast fashion*, o *prêt-à-porter* e bens de alto luxo, talvez agora endossados por alguma celebridade filantrópica do momento. A ideologia social da petroprosperidade, na nossa civilização do hidrocarboneto – ou a nossa *Fossil-Fueled Society* – que está no fulcro da trajetória do progresso em nosso mundo, em suas dimensões energética, material e simbólica, se pinta de verde e a tudo muda para continuar exatamente igual (YERGIN, 1992; SMIL, 2017).

Ora, é mister constatar que as crises que se abatem sobre a humanidade, a crise ambiental, a crise social, a crise política, a crise sanitária, a crise migratória, estão todas interligadas. Cada vez mais constatamos a urgência de soluções, mas também nos damos conta da impotência de nossas respostas tímidas. Talvez, com o esvaziamento dos horizontes das promessas do (neo) liberalismo, do socialismo real, do capitalismo e do anarquismo, o que mais precisamos agora sejam de novas narrativas que permitam que nos reconciliemos com nossos próximos, humanos e não humanos. Que nos reconciliemos com a vida.

3. A CRISE DO TRABALHO NA ACELERAÇÃO DO ANTROPOCENO

“Numa sociedade realmente desenvolvida, o trabalho é uma dimensão essencial da vida social, porque não é só um modo de ganhar o pão, mas também um meio para o crescimento pessoal, para estabelecer relações sadias, expressar-se a si próprio, partilhar dons, sentir-se corresponsável no desenvolvimento do mundo e, finalmente, viver como povo.” (FRANCISCO, *Fratelli Tutti*, 2020).

É assim que, de forma lúcida, no capítulo quinto intitulado “A Política Melhor”, a Encíclica *Fratelli Tutti* afirma a centralidade da questão do trabalho. Digno de nota, adota-se uma conceituação de trabalho muitíssimo mais ampla do que a contida nos manuais de Economia. Mesmo se nos debruçarmos sobre produções alternativas, com algumas honrosas exceções⁹, raras vezes veremos o desemprego esboçado como flagelo com altíssimo custo social (e não apenas econômico).

Se na grande exceção europeia do Pós-Segunda Guerra, os Trinta Gloriosos, o pleno emprego chegou a figurar como objetivo precípua de alguns Estados Nacionais, hoje estamos anestesiados frente à escalada brutal da redundância do trabalho vivo em todos os rincões do planeta. As brutais taxas de desocupação e o imenso sofrimento que delas deriva continuam a se elevar continuamente.

Segundo dados do último *World Employment and Social Outlook* há quase meio bilhão de pessoas com níveis insuficientes de trabalho pago: estima-se em 188 milhões o número

⁸ Esse é o ponto levantado pelo escritor e teórico de mídia Douglas Rushkoff, que comenta: “*Ask yourself who is paying for Facebook. Usually, the people who are paying are the customers. Advertisers are the ones who are paying. If you don't know who the customer of the product you are using is, you don't know what the product is for. We are not the customers of Facebook; we are the product. Facebook is selling us to advertisers.*” <https://www.wired.co.uk/article/doug-rushkoff-hello-etsy>

⁹ Uma dessas exceções é um artigo de Amartya Sen de 1997.

de desempregados, 165 milhões de pessoas na categoria dos subocupados por insuficiência de horas trabalhadas e outros 120 milhões na força de trabalho potencial (ILO, 2020).¹⁰ A Organização Internacional do Trabalho (OIT) reporta 40 milhões de pessoas submetidas ao trabalho escravo e 152 milhões de crianças no trabalho infantil (ILO, 2017). Num outro registro alarmante, apontado pela mesma fonte, as taxas de pobreza moderadas ou extremas no trabalho atingem uma população de 630 milhões de trabalhadores, homens e mulheres, ou seja, um a cada cinco, que recebem, respectivamente, menos de 3,2 ou 1,9 dólares em paridade de poder de compra por dia.

Portanto, não há maior eloquência possível do que a fornecida por esses dados para atestar o imenso fracasso de nosso mundo em prover trabalho digno às pessoas. Infelizmente, o quadro só tende a piorar. E sobejam razões para o pessimismo.

Primeiro, pois vivemos desde a crise financeira de 2008 uma prolongada desaceleração¹¹, que parece ser, para muitos analistas, um “novo normal”. O ano de 2020, em razão dos impactos da pandemia, apresentou uma taxa de crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de -3,3%, obviamente muito desigual em seus efeitos entre as várias nações do mundo (IMF, 2021).

A segunda razão é que o crescimento nesse momento é (e será) muito menos rico em empregos do que antes. Baixo crescimento da produtividade e dos investimentos em capital fixo, retrações da demanda agregada explicadas em parte pelo estado deprimido das expectativas e pela ampliação das desigualdades de renda e riqueza (os estratos mais ricos têm menor propensão ao consumo) e, finalmente, a desaceleração da inovação e da integração comercial são todos motivos apontados para essa redução, que os economistas chamam de elasticidade-renda dos empregos (IMF, 2020).

Não há dúvidas que essa evolução dependerá das direções que as sociedades humanas tomarem para enfrentar as crises sistêmicas. Em um livro instigante, Johannessen (2019) nos apresenta quatro cenários prospectivos para o emprego num mundo em acelerada mutação operada pela indústria 4.0. Pode-se imaginar, primeiramente, alguma forma de renda cidadã paga a todos os habitantes de determinado país. Outra possibilidade adviria de uma redução expressiva do tempo de trabalho. Alternativamente, poder-se-ia imaginar um cenário de desemprego em massa. O quarto cenário é construído como uma combinação dos três anteriores, numa forma distópica que nos parece muito próxima. Nesse, uma diminuta parcela da população proprietária, algo como 1%, formaria o extrato dos super-ricos. Outra parcela também muito restrita da população pertenceria a uma elite assalariada. Abaixo desses, viriam os trabalhadores pertencentes ao precariado, com contratos de trabalhos temporários e pouca ou nenhuma garantia trabalhista ou previdenciária. Mais abaixo, o imenso contingente dos trabalhadores pobres. Por último, na base da pirâmide aqueles vivendo com os subterfúgios de uma renda de inserção.

Um terceiro motivo, se os anteriores já não fossem suficientes, é que crescem os temores de que os empregos que estão sendo criados – em número insuficiente para absorver o enorme contingente de seres humanos à procura de trabalho, de renda e de reconhecimento – são crescentemente precários, perigosos e insalubres. Ou, num outro registro, alienantes

¹⁰ Pessoas que buscaram trabalho, mas não estavam disponíveis, ou que estavam disponíveis, mas não buscaram trabalho no período de referência da pesquisa.

¹¹ *Slowdown* em inglês. Esse é um tema bastante momentoso. Há autores que saúdam a desaceleração como uma *boa nova para o Planeta, a Economia e Nossas Vidas*, a exemplo de Dorling (2020). Em outra linha, podemos encontrar propostas de uma retomada do crescimento nos marcos de uma economia descarbonizada, utilizando instrumentos fiscais e monetários baseados na *Modern Money Theory*, na linha de um *Green New Deal*, a exemplo de Galvin & Healy (2020).

e completamente desprovidos de sentido, algo que uma nova literatura sociológica e antropológica tem denominado, sem eufemismos, de *bullshit jobs* (GRAEBER, 2018).

Finalmente, há uma última razão incontornável: mesmo que o crescimento pudesse retornar, estamos a ultrapassar velozmente as fronteiras planetárias seguras para a manutenção da teia de vida em nosso planeta (ROCKSTRÖM, 2009; STEFFEN et al., 2015a; STEFFEN et al., 2015b). Não há mais como fechar os olhos para os efeitos que as vastas e profundas alterações produzidas pelo *Homo sapiens* têm provocado sobre os sistemas naturais. Segundo a compreensão científica mais avançada em nossos dias, o chamado Sistema Terra compreende terra, oceanos, atmosfera e os solos, incluindo os ciclos naturais do planeta, dentre os quais o do carbono, o da água, o do nitrogênio, o do fósforo e o do enxofre, além de processos terrestres e marinhos. Esse complexo sistema envolve interações igualmente complexas entre processos físicos, químicos e biológicos, cuja resultante se reflete em espetacular teia da vida, da qual nossa sociedade faz parte, com suas múltiplas formas de organização sociocultural e econômica. A forma predominante em nossos tempos, a da civilização ocidental, é profundamente dependente de matérias-primas e combustíveis de origem fóssil, de uma titânica quantidade de minerais e de uma não menos impressionante biomassa. É também uma civilização vertiginosamente desigual, insensatamente esbanjadora e insistentemente míope quanto à própria dependência com relação ao sistema terrestre (STEFFEN et al., 2015a; STEFFEN et al., 2015b).

Cada vez mais essa forma vai se provando uma realidade insustentável, marcada pelo consumismo e pela tônica do endividamento que se alastra para o resto do mundo, como uma pandemia (MANNING, 2000; SCHOR, 1993 e 1999). Uma forma de organizar a vida social, a produção e o trabalho que, como apontou Jackson (2009), produz uma cantilena sem sentido na qual as pessoas “são persuadidas a gastar dinheiro que não têm, em coisas de que não precisam, para criar impressões que não duram, em pessoas com quem não se importam”. Essa forma de organização tem permitido, de forma persistente, desde o segundo Pós-Guerra, uma aceleração absolutamente sem precedentes da expansão, em escala e em intensidade, da presença, da influência e dos impactos de nossa espécie sobre os componentes e sobre a operação do sistema terrestre.

A miopia que parece obliterar o senso comum, ao lado da desinformação e até do obscurantismo, hoje perniciosamente difundidos, insiste em ocultar, ignorar ou negar efeitos para os quais a ciência já tem diagnóstico e diante dos quais clama por ações de mitigação, de adaptação e de reparação, orientadas por um princípio maior: o de precaução.

Fronteiras planetárias e limites operacionais seguros são termos que cientistas, contados hoje às dezenas de milhares pelo mundo afora, empenham-se em esclarecer e difundir, na esperança de fazer avançar o próprio conhecimento científico e de informar tomadores de decisão e o público em geral a fim de evitar um colapso do sistema terrestre. O desafio gigantesco em termos de amearhar conhecimentos de diferentes áreas científicas rendeu esses frutos que são os trabalhos organizados por Steffen et al., (2015a); Steffen et al., (2015b) e Rockström et al., (2009), dentre outros. Por meio dessas análises podemos reconhecer nove processos fundamentais cuja ruptura ameaça a singular estabilidade do sistema terrestre ao longo dos últimos 11 mil anos: as alterações climáticas, a perda de biodiversidade, o empobrecimento da camada de ozônio, a acidificação dos oceanos, os fluxos biogeoquímicos (os ciclos do nitrogênio e do fósforo), a alteração do sistema de terras (desflorestamento), a utilização de água doce, a carga atmosférica de aerossol e as chamadas “novas entidades”, que sintetizam indicadores sobre poluição química.

Para cada um desses processos, os cientistas se esforçaram para desenvolver indicadores e realizar mensurações a fim de determinar qual seria o espaço seguro para operação da humanidade sem que a resiliência do Sistema Terra fosse ultrapassada, ou seja, a fronteira diante da qual maiores perturbações antrópicas levariam a níveis incertos de alteração. Infelizmente, já em 2015 quatro dessas fronteiras planetárias haviam sido ultrapassadas: a taxa de extinção de espécies, o desflorestamento, a concentração de carbono atmosférico (associado às transformações climáticas) e os ciclos biogeoquímicos (do nitrogênio e do fósforo). Mais recentemente, em 2023, os Richardson e colegas (2023) informam que outras duas fronteiras também já foram ultrapassadas: a utilização da água doce e as novas entidades.

Multiplicam-se e tornam-se mais frequentes os alertas da comunidade científica sobre os riscos que essas transformações aceleradas provocam, em escalas cada vez mais amplas e em progressiva intensidade, com efeitos irreversíveis acerca da estabilidade das condições do Sistema Terra, que está se tornando menos hospitaleiro para a própria espécie humana (KENDALL, 1992; RIPPLE et al., 2017; RIPPLE et al., 2019).

4. A REDUÇÃO DO TEMPO DE TRABALHO NO CAMINHO DE FRANCISCO E CLARA

Como as antigas fórmulas parecem não surtir qualquer efeito, é imperioso que busquemos no imenso repertório de experiências e de outras formas de organização social e política que a humanidade ainda conserva, alternativas ao *status quo*. É uma dessas alternativas, forjada ao longo dos tempos nos movimentos de luta a defrontar trabalhadores e capitalistas, trazida ao centro das reivindicações operárias em diversos momentos e lugares, pode ser fonte de revitalização dos campos social, político e ecológico (FRACALANZA, 2008). Trata-se da proposta de Redução do Tempo de Trabalho (RTT)¹². Num mundo que há 250 anos, ao menos, registra um prometeico crescimento das forças produtivas do trabalho com a crescente redundância da força de trabalho vivo, há que se pensar no registro da partilha do emprego para que se recupere a célebre máxima: “trabalhar menos, para trabalharem todos”, para mencionar a expressão que dá título ao livro de Aznar (1993). Todavia, a RTT não se apresenta somente como alternativa para criação de empregos, mas como medida fundamental para a ressignificação dos modos de vida, no sentido que emprestamos, em outro trabalho, ao significado substantivo da RTT, apoiando-nos em Polanyi (FRACALANZA, MARIA E CORAZZA, 2020). Qual seja, abandonarmos os limites estreitos do significado formal do econômico que aprisiona a redução do tempo de trabalho nas armadilhas da produtividade, da eficiência e da concorrência internacional e ampliarmos o alcance desta importante forma de luta em seu sentido “substantivo”: a ideia de que não há comunidade humana que possa prosperar sem que se articulem homens e mulheres para que o tecido social e o tecido ecológico sejam preservados.

De outra parte, cresce a convicção de que a redução do tempo de trabalho, trazendo à cena a solidariedade envolvida na partilha do emprego e a busca deliberada por reduzir a produtividade num conjunto de atividades que se animam pela doação, como apontam Mair, Druckman e Jackson (2020), de tempo, de cuidados e de afetos, é absolutamente necessária para fazer frente ao colapso ambiental que já se encontra entre nós.

¹² Há um imenso cabedal de literatura sobre esse tema, aliás, que reverbera nesse momento de crise na voz de muito(a)s autores(as). Foge ao escopo deste ensaio discutir essas visões, mas, para os que queiram se aprofundar nessa temática, deixamos algumas referências: Gorz (1991), Certeau e Taddéi (1997), Freyssinet (1997), Jackson (2010), Méda (2013), Bregman (2018).

Aliás, se pensarmos nos marcos das múltiplas formas que podem assumir a reorganização das formas de vida social, política e econômica, como alternativas à ordem vigente sob o regime do capital, encontraremos na liberação do tempo heterônomo e na consequente ampliação do tempo autônomo, um conjunto prodigioso de atividades que precisam de nossa atenção: cuidados, revitalização espaços públicos, reconstrução de ecossistemas, hortas públicas, agroecologia etc.

Se hoje vivemos nas sombras de um mundo fechado, podemos nos surpreender com boas novas. Assim, recebemos a notícia de uma nova Encíclica Papal que traz em seu título uma imagem de esperança. Em *Fratelli Tutti*, o Papa Francisco (2020) exorta a humanidade a trilhar os caminhos da fraternidade e da amizade social. Exorta-nos a zelar pelos últimos para que não deixemos ninguém pelo caminho e que nos integremos na humanidade em toda a sua diversidade.

Como nos chama à reflexão a encíclica *Fratelli Tutti*, “o todo é mais que a parte, sendo maior também que a soma delas”. Uma sociedade universal haverá que ser um poliedro, no qual cada face reflete culturas, identidades, formas locais de organização, de produção, de vida, de trabalhos com sentidos de realização do potencial humano, de cuidados consigo, com o próximo, com a Casa Comum. Um poliedro que certamente sempre terá arestas, mas no qual as “diferenças convivem, integrando-se, enriquecendo-se, iluminando-se reciprocamente”.

Fruto da evolução de milhões e milhões de anos, num milagre de mutações e de resiliência, formas de vida distintas ainda subsistem hoje. Nas terras, nos mares, nos ares. A vida mesma que encantou Francisco e Clara. Há sempre um pequeno irmão ou irmã, cuja vida, como reconheciam os dois santos inspiradores, é merecedora de todo cuidado, de todo carinho, de toda atenção, como a de qualquer outra pessoa. Entre as comunidades humanas, como as faces do poliedro, encontramos grande riqueza social e cultural nesse planeta, nas heranças vivas de formas de organização chamadas tradicionais, autóctones, indígenas ou alternativas. Muitos precisam do pão; outros, apenas que se respeitem suas formas de vida, a peculiaridade de seus trabalhos em seus territórios e, sobretudo, as próprias existências. Saibamos que, suas sementes, suas formas de plantá-las, suas formas de cuidar-se uns dos outros e de zelar pela vida serão parte do caminho para uma saída da armadilha em que nos encontramos. Portanto, haverá que nos inspirar também esse conhecimento que, neste momento, insiste em rebrotar, a cada dia, entre o nascer do irmão sol e o despontar da irmã lua. Renasce, a despeito de toda guerra, de todo ódio, de toda ganância, de toda intolerância, de todo obscurantismo, de todo preconceito. E com ele, também tem continuidade um grande milagre das múltiplas formas da vida e do trabalho humano.

Dos imensos desafios diante de nós, o maior de todos provavelmente é a construção da paz social. E, para enfrentá-lo, a grande lição nos foi dada há 2000 anos: “Amái-vos uns aos outros”.

5. CONCLUAMOS COM “REALMAR A ECONOMIA”: UM CONVITE DE FRANCISCO

“Escrevo-vos a fim de vos convidar para uma iniciativa que desejei muito: um evento que me permita encontrar-me com quantos estão a formar-se e começam a estudar e a pôr em prática uma economia diferente, que faz viver e não mata, inclui e não exclui, humaniza e não desumaniza, cuida da criação e não a devasta. Um acontecimento que nos ajude a estar unidos, a conhecer-nos uns aos outros, e que nos leve a estabelecer um “pacto” para mudar a economia atual e atribuir uma alma à economia de amanhã.” (FRANCISCO, 2019)”

Na seara das ações concretas de mudança para uma economia da Casa Comum, nos chama a atenção o convite de Papa Francisco à juventude em 2019. Direcionada aos jovens economistas, empresários e ativistas do mundo inteiro, Francisco convida os jovens a colocarem em prática uma economia “re-animada”, inspirada no despojamento de São Francisco de Assis. Por meio de um pacto comum – independentemente de credo e de nacionalidade – Francisco estende o chamado a todos os homens e mulheres de boa vontade que estejam dispostos a construir outras modalidades de entender a economia e o progresso, combatendo a cultura do descarte social e ambiental e propondo novos estilos de vida a partir de suas “universidades, empresas, organizações e canteiros de esperança” (FRANCISCO, 2019).¹³

O convite à juventude para a transformação da realidade não é um evento isolado do pontificado de Francisco. Desde seu início, o Papa dá subsídios para a construção de um novo modelo econômico. Em 2013, em sua primeira viagem internacional, Francisco fala a uma multidão, na Praia de Copacabana, no advento da Jornada Mundial da Juventude, que é necessário construir a civilização do amor e reitera que para isso há a necessidade de uma revolução da ternura (OSS-OMER et al., 2021; TAVARES, 2019). Mas, para além dos seus discursos e pronunciamentos, os documentos oficiais de seu pontificado são repletos de críticas a um sistema que, segundo Francisco, é excludente e que reforça a idolatria ao dinheiro em detrimento das vidas humanas (MO SUNG, 2018; RAUPP e SUSSIN, 2021).

Alguns documentos são particularmente importantes. Entre eles destaca-se a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, no qual Francisco afirma que o sistema econômico atual exclui e mata (FRANCISCO, 2013, N.53) e que esse desequilíbrio “[...] provém de ideologias que defendem a autonomia absoluta dos mercados e a especulação financeira [...]. Instauram-se uma nova tirania invisível, às vezes virtual, que impõe, de forma unilateral e implacável, as suas leis e as suas regras” (FRANCISCO, 2013, n. 56). É na Encíclica *Laudato Si*, entretanto, que Francisco apresenta claramente o conceito de ecologia integral para enfrentar a crise socioambiental que assola a humanidade. O bem comum para Francisco é uma noção inseparável do cuidado com a Casa Comum (a Terra) e, como tudo está interligado, a política e a economia devem zelar por ela (RAUPP e SUSSIN, 2021).

É com ajuda dessas inspirações que o convite a realmar a economia surge aos jovens do mundo inteiro. Francisco exorta os jovens economistas, empresários e ativistas a estabelecer um pacto com e para os pobres e a Casa Comum. O encontro que seria realizado em março de 2020 foi adiado com o advento da pandemia do covid-19. Entretanto, iniciou-se um intenso movimento virtual e local para ecoar o chamado de Francisco, uma vez que a crise sanitária impôs a todos uma realidade ainda mais desafiadora do que antes. Milhares de jovens se reuniram em grupos de trabalhos, as chamadas vilas temáticas para discutir os desafios e propor soluções de transformação da economia, orientados por temas como: energia e pobreza, agricultura e justiça, cuidado e trabalho, mulheres para economia, entre outros¹⁴. Ao final de 2020, quando o evento online em Assis foi realizado, outro documento de Francisco foi lançado e ressoou no movimento: a Encíclica *Fratelli Tutti*.

Em *Fratelli Tutti*, Francisco é ainda mais claro sobre a necessidade de superar o neoliberalismo como dogma de fé, ao propugnar a substituição da lógica do *dominus* (senhorio) pela do *frater* (fraternidade) na qual o desenvolvimento humano integral deve ser o princípio balizador da nova economia (RAUPP e SUSSIN, 2021).

¹³ Assim como o Cristo teria dito a Francisco de Assis, Francisco de Roma diz “Vão, jovens de Francisco, e reconstruam nossa economia, que, como veem, está em ruínas” (ANDRADE et al., 2020).

¹⁴ Mais sobre as vilas presentes em: <<https://francescoeconomy.org/>>.

Atualmente, a Economia de Francisco se transforma num grande movimento que busca ressignificar, de forma teórica e prática, vários conceitos dados como verdades absolutas em economia. Entre eles o conceito de trabalho, em linha com a proposta deste artigo, entendendo o trabalho como parte fundamental do bem-estar social, do cuidado da Casa Comum e da comunidade e, especialmente, desvelando que o trabalho (cuidado) que não é inserido na lógica monetária capitalista é parte inseparável do tecido social. Repensar a economia sob essa perspectiva é “[...] pensar e agir em termos de comunidade, de prioridade da vida de todos sobre a apropriação dos bens por parte de alguns. É também lutar contra as causas estruturais da pobreza, a desigualdade, a falta de trabalho, a terra e a casa, a negação dos direitos sociais e laborais” (FRANCISCO, 2020, parágrafo 116). À guisa de conclusão, fechamos nossa discussão com essa exortação de Francisco:

“A grande questão é o trabalho. Ser verdadeiramente popular – porque promove o bem do povo – é garantir a todos a possibilidade de fazer germinar as sementes que Deus colocou em cada um, as suas capacidades, a sua iniciativa, as suas forças. Esta é a melhor ajuda para um pobre, o melhor caminho para uma existência digna. Por isso, insisto que «ajudar os pobres com o dinheiro deve sempre ser um remédio provisório para enfrentar emergências. O verdadeiro objetivo deveria ser sempre consentir-lhes uma vida digna através do trabalho». Por mais que mudem os sistemas de produção, a política não pode renunciar ao objetivo de conseguir que a organização duma sociedade assegure a cada pessoa uma maneira de contribuir com as suas capacidades e o seu esforço. Com efeito, «não há pobreza pior do que aquela que priva do trabalho e da dignidade do trabalho» Numa sociedade realmente desenvolvida, o trabalho é uma dimensão essencial da vida social, porque não é só um modo de ganhar o pão, mas também um meio para o crescimento pessoal, para estabelecer relações sadias, expressar-se a si próprio, partilhar dons, sentir-se corresponsável no desenvolvimento do mundo e, finalmente, viver como povo”. (FRANCISCO, 2020, parágrafo 162)

REFERÊNCIAS

- ANDRADE SILVA, Claudia de et al. **Vão, Jovens de Francisco, e reconstruam a nossa economia, que, como veem, cai em ruínas!** São Leopoldo, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/603389-vao-jovens-de-francisco-e--reconstruam-a-nossa-economia-que-como-veem-cai-em-ruinas> Acesso em: 15 de jan. de 2021.
- AZNAR, G. **Travailler moins pour travailler tous: 20 propositions.** Syros, 1993.
- BERARDI, Franco; SILVA, Regina. **Depois do futuro.** Ubu Editora LTDA-ME, 2019.
- BREGMAN, Rutger. **Utopia para realistas: como construir um mundo melhor.** Sextante, 2018.
- BRYGO, J; CYRAN, O. **Boulots de merde!:** Du cireur au trader, enquête sur l'utilité et la nuisance sociales des métiers. Paris: La Découverte, 2018.
- CETTE, Gilbert; TADDEI, Dominique. **Réduire la durée du travail: de la théorie à la pratique.** Paris : Librairie Générale Française. Le Livre de Poche, 1997.
- DORLING, Danny. **Slowdown: The end of the great acceleration – and why it's good for the planet, the economy, and our lives.** Yale University Press, 2020.
- FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista.** Editora Elefante, 2019.

FRACALANZA, P. S. Limites das abordagens microeconômicas da redução da jornada de trabalho. **Revista de Economia**, (34): 29-47, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/economia/article/view/12294/8513>. Acesso em: 20 de jan. de 2021.

FRACALANZA, P. S.; MARIA, M. R.; CORAZZA, R. I. Economia Política da redução do tempo de trabalho: dos autores pioneiros ao debate contemporâneo sobre transições para sustentabilidade. **Nova Economia**, v.30 n.2 p.629-654, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/neco/a/jVCVfXCDVRRFFtWRRZvh8dtb/?lang=pt&format=html>. Acesso em: 12 de fev. de 2022.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. Roma, 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa--francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html Acesso em: 15 de jan. de 2021.

FRANCISCO. Discurso no encontro ecumênico e inter-religioso com os jovens. Skopje, Macedônia do Norte: **L'Osservatore Romano** (ed. semanal portuguesa de 14/V/2019), 2019. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/may/documents/papa-francesco_20190507_macedoniadelnord-giovani.html. Acesso em: 08 de fev. de 2022.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Laudato Si**, 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/dam/francesco/pdf/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si_po.pdf. Acesso em: 10 de jan. de 2021.

FRANCISCO. **Carta Encíclica Fratelli Tutti**, 2020. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf. Acesso em 14 de mar. 2021.

FRANCISCO. **Carta do Papa Francisco para o Evento A Economia de Francisco**. Vaticano. 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2019/documents/papa-francesco_20190501_giovani-imprenditori.pdf. Acesso em 04 de jun. 2021.

FREYSSINET, Jacques. **Le temps de travail en miettes**: vingt ans de politique de l'emploi et de négociation collective. Editions de l'Atelier, 1997.

FURTADO, C. **O Mito do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Círculo do Livro, 1974.

GALVIN, Ray; HEALY, Noel. The Green New Deal in the United States: what it is and how to pay for it. **Energy Research & Social Science**, v. 67, p. 101529, 2020. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S2214629620301067?token=E5FCACE90A9CA667EF12B9EB3C6BF59805A259FC75E5663C726D8FEB6B749C8F828AE0473C25D9E82C0B780E754DCB0&originRegion=us-east-1&originCreation=20220324123922>. Acesso em 27 de ago. 2021.

GEORGESCU-ROEGEN, N. **The Entropy Law and the Economic Problem**. Lincoln, NE (USA): Harvard University Press, 1999.

GORZ, André. **Métamorphoses du Travail**: quête du sens. Paris : Éditions Galilée, 1991.

GRAEBER, D; CERUTTI, A. **Bullshit Jobs**. New York: Simon & Schuster, 2018.

INTERNATIONAL LABOUR OFFICE (ILO). **World Employment and Social Outlook: Trends 2020**. Geneva: ILO, 2020. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_734455.pdf. Acesso em 02 de abril de 2021.

INTERNATIONAL LABOUR OFFICE (ILO). **World Employment and Social Outlook: Trends 2018**. Geneva: ILO, 2018. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_615594.pdf. Acesso em 02 de abril de 2021.

INTERNATIONAL LABOUR OFFICE (ILO). **Global estimates of child labour**: Results and trends, 2012-2016. Geneva: ILO, 2017. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/publication/wcms_575499.pdf. Acesso em 02 de abril de 2021.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). **World Economic Outlook Update**, 2020. Disponível em: World Economic Outlook Update, June 2020: A Crisis Like No Other, An Uncertain Recovery (imf.org). Acesso em: 27 de set. 2021.

INTERNATIONAL MONETARY FUND (IMF). **World Economic Outlook**, 2021 Disponível em: <https://www.imf.org/external/datamapper/datasets/WEO>. Acesso em 24 de março 2022.

JACKSON, Tim. **Prosperité sans Croissance**: la transition vers une économie durable. Bruxelas : Groupe de Boeck, 2010.

JOHANNESSEN, J-A. **The Workplace of the Future**: the Fourth Industrial Revolution, the Precariat and the Death of Hierarchies. New York: Routledge, 2019.

KENDALL, H. W. World Scientists' Warning to Humanity. In: **A distant light**. Springer, New York, NY, p. 198-201, 2000. [Originalmente publicado em 1992]

KEYNES, J. M. Economic possibilities for our grandchildren. In: **Essays in persuasion**. Palgrave Macmillan, London, 2010, p. 321-332. [Originalmente publicado em 1930]

LATOURE, B. **Onde aterrar?** Como se orientar politicamente no Antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MAIR, S; DRUCKMAN, A; JACKSON, T. A tale of two utopias: work in a post-growth world. **Ecological Economics**, 173, p. 1-11, 2020. Disponível em: <https://reader.elsevier.com/reader/sd/pii/S092180091930415X?token=5FBC02CA4FCC2C06B71D27D14D2EA994F8A6996DC06A3778C163E6C453D9CB9D75F25D9E0F5BE849AE08D4CA8B13F06D&originRegion=us-east-1&originCreation=20220324125019>. Acesso em: 04 de fevereiro de 2021.

MANNING, R. D. et al. **Credit card nation**: The consequences of America's addiction to credit. New York: Basic Books, 2000.

MEADOWS, D; MEADOWS, D. et alii. **The Limits to Growth**: a Report for the Club of Rome's Project on the Predicament of Mankind. New York: Universe Books, 1972.

MÉDA, Dominique. **La mystique de la croissance**: comment s'en libérer. Flammarion, 2013.

MO SUNG, Jung. **Idolatria do dinheiro e direitos humanos**: uma crítica teológica do novo mito do capitalismo. São Paulo: Paulus, 2018.

OSS-EMMER, Andrei Thomaz Costa, et al. Economy of Francesco and Chiara: reponses of Brazilian youths to and for a new economy. **P2P & Inovação**; Edição Especial A pandemia por COVID-19: desafios e oportunidades; v. 7, n. 1, p. 71-85, 2020. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/147711>. Acesso em 27 de set. de 2021.

POLANYI, K. **La sussistenza dell'uomo**: il ruolo dell'economia nelle società antiche. Torino: Giulio Einaudi Editore, 1983.

RAUPP, Klaus da Silva; SUSIN, Luiz Carlos. A Economia segundo Francisco: aspectos principais do pensamento econômico no atual pontificado a partir da mensagem do Papa aos participantes do evento *The Economy of Francesco*. **Revista de Cultura Teológica**, n. 98, p. 199-213, 2021.

Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/52778/pdf>. Acesso em 17 de fev. 2022.

RICHARDSON, Katherine et al. Earth beyond six of nine planetary boundaries. **Science Advances**, v. 9, n. 37, p. eadh2458, 2023.

RIPPLE, W. J. et al. World Scientists' Warning to Humanity: a second notice. **BioScience**, v. 67, n. 12, p. 1026-1028, 2017. Disponível em: <https://academic.oup.com/bioscience/article/67/12/1026/4605229?login=false>. Acesso em 12 de jun. 2020.

RIPPLE, W. J. et al. World Scientists' Warning of a climate emergency. **BioScience**, 2019. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02397151/document>. Acesso em 23 de maio de 2021.

ROCKSTRÖM, Johan et al. A safe operating space for humanity. **Nature**, v. 461, n. 7263, p. 472-475, 2009. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/461472a>. Acesso em 30 de nov. de 2020.

SCHOR, J. **The Overspent American**. NY: Harper Perennial, 1999.

SCHOR, J. **The Overworked American: the unexpected decline of leisure**. NY: Basic Books, 1993.

SEN, A. K. L'inegalité, le chômage et l'Europe d'aujourd'hui. **Revue Internationale du Travail**, Genebra, vol. 136, n° 2, p. 169-186, 1997.

SMIL, V. **Energy and civilization: a history**. MIT Press, 2018.

STEFFEN, W. et al. Planetary boundaries: guiding human development on a changing planet. **Science**, v. 347, n. 6223, 2015a. Disponível em <https://www.science.org/doi/epdf/10.1126/science.1259855>. Acesso em 11 de set. de 2021.

STEFFEN, Will et al. The trajectory of the Anthropocene: the great acceleration. **The Anthropocene Review**, v. 2, n. 1, p. 81-98, 2015b. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/2053019614564785?casa_token=cza61T4BCkUAAAAA:T2Q6mdwbNSYyWbETIugWgY1G_6QSFzyjFYRyh9arOlejOXtFR_pKZ31MgtSDndfSP8EwZIxJ-SE8IA. Acesso em 11 de set. de 2021.

TAVARES, Manoel. **O Papa recebe capitulares carmelitas**. 2019. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2019-09/papa-francisco-capitulares-carmelitas.html>. Acesso em: 30 ago. 2020.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Ubu Editora, 2020.

YERGIN, D. **O Petróleo: Uma história mundial de conquistas, poder e dinheiro**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. [Originalmente publicado em inglês em 1992]

Recebido em: 24/03/2022

Aceito para publicação em: 04/09/2023